

---

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### **MÃE QUE LUTA: um produto jornalístico audiovisual como resultado de reflexão teórica e prática**

**Felipe Simão Pontes<sup>1</sup>**

**Anna Vitória Cuimachowicz Vieira<sup>2</sup>**

#### **RESUMO**

O trabalho de conclusão de curso MÃE QUE LUTA, apresentado no final de 2017, consistiu em uma série de microdocumentários jornalísticos com duração aproximada de oito minutos cada. A série apresenta o cotidiano e o perfil de mães de crianças com patologias neurológicas graves e como estas mulheres enfrentam a ausência de políticas públicas em Ponta Grossa - PR. Os microdocumentários e o relatório resultam de reflexões teóricas e profissionais aplicadas à prática. Reconhece-se, deste modo, que a reflexão teórica e metodológica, bem como a revisão bibliográfica da temática consolidam-se no produto, bem como as etapas de produção oferecem elementos para reflexão profissional e acadêmica.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo. Microdocumentários. Teoria e prática. Doenças Neurológicas Graves. Perfil.

#### **INTRODUÇÃO**

Em recente entrevista para o El País, o pediatra suíço Remo H. Largo disse a seguinte frase: "Existe um dito africano que diz que para criar uma criança é preciso de toda a aldeia. Na educação superestimamos a família e subvalorizamos a convivência na sociedade". Adaptando a frase para a perspectiva acadêmica entendemos que os contornos da sociedade podem sim

---

<sup>1</sup> Professor da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. É um dos líderes do grupo de pesquisa "Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização".

<sup>2</sup> Mestranda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Jornalista formada pela mesma instituição.

atuar junto das propostas pedagógicas. Enquadrando o dito para a graduação de jornalismo, neste caso na confecção de um produto audiovisual com Trabalho de Conclusão de Curso, fica evidente de que a vivência em sociedade transforma-se em repertório para o estudante de jornalismo e que cabe aos professores e profissionais da educação ampliar esses horizontes e criar conexões entre a sociedade e a academia.

O presente artigo apresenta os principais resultados do trabalho de conclusão de curso MÃE QUE LUTA, abordando o processo de troca permanente oportunizado pelas histórias de vida e pelos perfis de mulheres que lutam para garantir direitos e mais qualidade de vida para seus filhos. Da mesma forma, permite ao estudante e ao profissional inserir-se na dinâmica de vida de mães e crianças com patologias neurológicas graves, vivenciando parte de suas representações e difundindo suas histórias.

O trabalho de conclusão de curso - MÃE QUE LUTA (<https://www.youtube.com/channel/UCJksQyrzLmk9B70jGuITyVA>), é uma série de microdocumentários jornalísticos, cada um com a duração aproximada de oito minutos, que apresenta o cotidiano de mães de crianças com patologias neurológicas graves e como estas mulheres enfrentam a ausência de políticas públicas em Ponta Grossa - PR e de cidades da região.

As técnicas metodológicas empregadas foram: pesquisa bibliográfica, observação sistemática da realidade, pesquisa documental, entrevistas jornalísticas, pesquisa qualitativa e a construção de perfis. O resultado apresenta os perfis de cinco mães, enfatizados em cinco temas: o uso do cannabidiol (CBD); a inclusão escolar; a disponibilização do cilindro de oxigênio pelo Estado; acessibilidade; e escolas especiais para deficientes.

Os episódios são voltados para a perspectiva da mãe como protagonista, associando o produto a perspectivas de gênero. Além do formato documentário, o trabalho engloba as perspectivas da narrativa possibilitada pelos conceitos de jornalismo transmídia e outros formatos de vídeo, como reportagens e entrevistas.

## **1 ESTUDO TEÓRICO E METODOLÓGICO PARA A CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS JORNALÍSTICA**

Se a teoria na prática é outra, há algo errado na teoria, já dizia Adelmo Genro Filho. Por outro lado, a prática pela prática e a técnica apartada da reflexão condicionam o jornalista à reprodução das contradições do mundo social, sem a sua integralidade como sujeito crítico e partícipe da sociedade. Por isso, entende-se a teoria como parte da prática, exercício de planejamento e consubstanciação da execução do produto em tela. Avança-se para uma práxis jornalística, na qual o trabalho jornalístico ocorre na imbricação da reflexão teórica e da ação crítica.

Para demonstrar as características sociais que circundam a vida de cada mãe adotou-se o gênero perfil jornalístico. Entende-se que as mulheres são protagonistas destas histórias e é sobre elas que o maior fardo da ausência de políticas públicas recai. O perfil é um dos formatos de gêneros jornalísticos que, segundo Tenório (2010, p.403) é “[...] elaborado a partir de uma narrativa que focaliza momentos da vida de um personagem não ficcional”.

Como forma de apoio a esta narrativa inspirou-se no estilo de câmera viva utilizada por Eduardo Coutinho, em que o personagem nos guia para além da narrativa e a câmera viva guia o público para dentro da rotina enfrentada pelas mães em questão. “No coração da encenação cinematográfica está a noção da ação de um corpo e o que caracteriza esta ação em cena: seu movimento e sua expressão” (RAMOS, 2008). O autor dimensiona o uso da câmera dinâmica pelo diretor como responsável na criação de sentido principalmente quanto a noções de movimento e expressão que guiam o público ao objetivo central de uma peça cinematográfica. Um exemplo palpável desta questão no jornalismo brasileiro é o programa Profissão Repórter, principalmente tornando visível o fazer jornalístico em todas as suas esferas, tanto didáticas quanto sociais.

Questões éticas surgiram diante do efeito de imagens de sofrimento sobre os espectadores e nas fontes, devido ao tratamento de temas delicados na vida das mães, como luto e depressão. Percebe-se então a sutileza que o jornalista deve adotar ao lidar com “A dor dos outros”, termo tomado do título do livro de Susan Sontag que debate o tratamento de imagens pesadas na fotografia, uma preocupação de três faces: jornalista, fonte e público.

Ainda que este trabalho não trate a morte como objeto de pesquisa, a forma com que Sontag descreve a captura de imagens e seu flerte com aspectos mórbidos ou com os momentos que transcrevem uma realidade brusca, tal qual guerra ou enfermidades, levanta por si só um debate ético sobre as questões de visibilidade em sua essência.

Desde quando as câmeras foram inventadas, em 1839, a fotografia flertou com a morte. Como uma imagem produzida por uma câmera é, literalmente, um vestígio de algo trazido para diante da lente. [...] Capturar a morte em curso era outra questão: o alcance da câmera permaneceu limitado enquanto ela tinha de ser carregada com esforço, montada, fixada. Mas depois que a câmera se emancipou do tripé, tornou-se de fato portátil e foi equipada [...] a fotografia adquiriu um imediatismo e uma autoridade maiores do que qualquer relato verbal para transmitir [...] (SONTAG, 2003, p.25).

Por seu turno, autoras como Cremilda Medina clamam por uma humanização no jornalismo. Segundo a autora, a vivência humana é complexa e exige suas especificidades no tratamento jornalístico. Nesse sentido, a subjetividade do jornalista humaniza a coleta de dados. Essa perspectiva foi uma ferramenta considerada, uma vez que o tema tratado exige empatia e compreensão pela realidade vivenciada por essas mulheres. "O resgate da cena viva exige a criação de um narrador que dramatiza o que se passa à sua volta. Para isso, o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa" (MEDINA, 2008, p. 98).

Traquina (2000) diz que as notícias são caracterizadas como construções narrativas que acontecem de forma seletiva. Segundo o autor, essas construções narrativas participam de um processo de seleção onde a mídia impõe um pensamento, que contempla o status quo. Ao mudar o enfoque para pessoas a margem do agendamento do status quo redescobrimos o poder do jornalismo.

Para o autor é inegável que o jornalista participe da construção da realidade social. No entanto, o ego jornalístico e a ideologia do jornalismo utilizam perspectivas extremas: ou de ferramenta realmente efetiva de luta para mudanças sociais ou definindo seu papel como um simples recolhimento e emissão de fatos ou perspectivas visuais.

Sob esses conceitos, realizou-se pesquisa qualitativa, bibliográfica, pesquisa documental, abordagem de diversas técnicas de apuração jornalística como o jornalismo biográfico, construção de perfis e entrevistas. Utilizou-se

ainda técnicas de roteirização de documentários e a abordagem de táticas de narrativa.

A pesquisa bibliográfica em questão é muito específica, pois exige um equilíbrio entre estudos da área de saúde, as teorias que fundamentam o jornalismo e as características do produto escolhido, no caso, as de microdocumentário, que ainda são muito escassas. Stumpf (2010) entende a pesquisa bibliográfica como um processo que seleciona bibliografia e documentos pertinentes ao tema estudado. Esse levantamento propicia o início da investigação que atua como apoio metodológico em trabalhos acadêmicos.

Em seguida foi realizada uma exploração da realidade de estudo, na qual definimos como um dos objetivos o convívio com mães de crianças com doenças neurológicas a partir de dois momentos. O convívio ocorreu primeiramente com a participação em reuniões com as mães que integram a AMME durante 2016. Observou-se, mesmo sem a certeza de que algumas seriam entrevistadas, o que as define como mãe de uma criança com alguma patologia neurológica grave. Essa observação ajudou no processo de tematização de cada microdocumentário.

A partir do momento que as primeiras mães aceitaram o convite, ocorreu o processo de estratificação, para que as histórias não fossem muito semelhantes, ampliando as possibilidades de narrativa. Este processo teve continuidade nas primeiras gravações e montagem de roteiros de forma dual. Foi sugerido às mães assistir a programação de televisão e procurar conteúdos de representatividade. Quando voltei a suas respectivas casas, pedi que falassem em frente a câmera se durante essa semana ela se sentiu representada. A resposta foi “não”. Elas comentam que a síndrome mais retratada pela mídia é a Síndrome de Down.

Por sua vez, a pesquisa documental enfatizou a relação do trabalho com políticas públicas pontuais no cotidiano destas mães. Ludke e André (1976) veem a análise documental como complementar à pesquisa qualitativa. A partir de dados coletados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Estatuto da Pessoa com Deficiência, compreendeu-se que as políticas públicas (e a ausência delas) impactam diretamente no cotidiano dessa parcela da sociedade. Além dos documentos, a observação do cotidiano das mães sob a inspiração da pesquisa qualitativa nos permitiu constatar dinâmicas relevantes.

Malinowski foi o primeiro antropólogo a enfatizar a importância de apreender o ponto de vista dos nativos, ou seja, das populações locais. Godoy (1995) aborda a pesquisa qualitativa de forma semelhante, enfatizando também a perspectiva integrada, em que o pesquisador vai a campo objetivando captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas. (JARDIM, SANTOS, 2007 p.3).

Utilizou-se entrevista jornalística, que promove uma maleabilidade da pauta, possibilitando desdobramentos através das respostas do entrevistado. Silva (2009) compreende entrevista como um procedimento de apuração em que se propõe um diálogo com um portador de uma informação de interesse. “A entrevista é uma interação social baseada na interpretação que os participantes constroem de si ao redor de um tema, ou seja, uma relação complexa e efetivada num determinado espaço e tempo”. (SILVA, 2009. p.1)

Por sua vez, ao utilizar a perspectiva biográfica, reconstituímos memórias que essas mães têm e que podem ser utilizadas como uma forma de narrativa poderosa, que guia e emociona o espectador. A narrativa, segundo Silva (2009), carrega originalidade e conduz a história, mas no jornalismo ela tende a ser híbrida, pois resulta em retratos sociais e posiciona atores sociais diante de situações éticas. Sobre a interação do campo jornalístico,

Vilas Boas (2002) delimita o espaço no campo do jornalismo e da narrativa quando deduz que o conjunto de funções desempenhadas pelo jornalismo materializa-se na mensagem articulada jornalisticamente. Porém, na maioria dos casos em que a mídia molda a sua mensagem pelo padrão da linguagem jornalística, o leitor acaba ficando conformado com fórmulas e relatos de pouco alcance social (SILVA, 2009. p.10).

Optou-se então por uma saída do formato tradicional que o jornalismo emite mensagens. Adota-se uma percepção transmídia, Renó (2015) vê a narrativa transmídia como um resgate do documentário interativo. Para ele a falta de definição de formato quando se trata de transmídia é o que abre espaço para criatividade ao lançar um produto nesses parâmetros:

A falta de definição de formatos é uma máxima quando se pensa em narrativa transmídia. Afinal, a criatividade é uma marca nesta linguagem. Além disso, o gênero documentário é uma obra artística, ou seja, não há como definir formatos limitados de produção. (Renó 2015. p. 19).

Vincula-se então os microdocumentários no Youtube e no site feito pelos alunos de jornalismo UEPG, Periódico, esperando difundir a linguagem e a

prática do documentário transmídia demonstrando a mescla entre linguagem e formatos apoiadas na liberdade de criação artística propostas por Renó (2015). A intenção da atuação transmídia neste sentido é de que futuramente pautas sejam propostas sobre a temática, utilizando os microdocumentários junto a textos e hipertextos.

## **2 CARACTERÍSTICAS DAS MULHERES E DE SUA REALIDADE SOB A ÓTICA DO JORNALISMO**

A escolha do tema ocorreu a partir do contato com a APACD, proporcionado pelo período em que os estudantes do terceiro ano de jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa cursam matérias integradas à produção de conteúdo para o Portal Comunitário. O Portal Comunitário é uma plataforma multimídia que atuou desde a grade curricular do curso de jornalismo da UEPG proposta em 2008 até 2016, último ano desta grade, integrando disciplinas, direcionando sua produção de material para o site em vídeo; texto, áudio e fotografia sobre bairros, organizações não-governamentais, sindicatos e organizações comunitárias. Nesse contexto, os estudantes eram responsáveis pela cobertura, sob os princípios de jornalismo comunitário, funcionando como um suporte e prestador de serviços, uma via de mão dupla, tanto para as equipes de reportagem quanto para as entidades ligadas ao projeto. A cobertura era dividida entre a turma, assim cada repórter era responsável por um bairro, duas entidades e um sindicato.

A cobertura da Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência (APACD) proporcionou contato com grupo de mães Associação de Mães de Menores Especiais (AMME). Mensalmente, frequentei suas reuniões e pude ver de perto os anseios cotidianos da vida destas mães e como, a partir de uma iniciativa pessoal, elas fortaleceram uma rede de apoio. A partir desta experiência, o tema do TCC se consolidou e o processo de estudo teórico e metodológico aperfeiçoaram o ensino.

Com a intenção de tornar estes códigos da experiência social na vida das mães entrevistadas mais representativos da realidade social de Ponta Grossa e região, a escolha das mães foi estratificada por condição social, classe, cor,

escolaridade e idade, entendendo a pluralidade necessária para um trabalho desta natureza.

As mães entrevistadas foram: Maria Aline, 36 anos, branca, mestre em Engenharia Elétrica e Eletrônica, com salário equivalente a R\$2.800 como professora na Faculdade Ponta Grossa, que segundo a relação entre salário mínimo proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), faz parte da classe D, composta por salários entre dois a quatro salários mínimos; Rita é parda, aposentada como professora e pensionista militar tem 63 anos e integra a classe C, de acordo com o IBGE; Adelaila Caroline (Carol) é parda, desempregada, tem 21 anos e tem renda familiar de R\$900, considerada pelo IBGE como classe E; Luciane é branca, graduada em direito, tem 46 anos e tem renda familiar líquida de R\$ 12.000 sendo considerada classe B; Célia tem 50 anos é branca e está atualmente desempregada, possui ensino médio incompleto e tem renda familiar equivalente a R\$ 3.000 que o IBGE considera classe D.

Estas mães acabam consolidando redes de apoio a partir de iniciativas pessoais e, em alguns casos, verifica-se uma peregrinação no território nacional, estadual ou municipal na busca por centros de convivência que acompanham o desenvolvimento psicossocial e a reabilitação dessas crianças. Como é o caso da Associação de Mães de Menores Especiais (AMME) em Ponta Grossa, que tem como participantes mães de filhos portadores de patologias graves que dividem experiências, expectativas e lutas e apoiam outras mães no mesmo contexto social. Esses grupos de apoio auxiliam o bem estar fisiológico destes pais:

Os suportes sociais recebidos e percebidos pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde mental, para o enfrentamento de situações estressantes, como tornar-se pai ou cuidar de alguém doente por muito tempo, para o alívio dos estresses físico e mental e para a promoção de efeitos benéficos nos processos fisiológicos relacionados aos sistemas cardiovascular, endócrino e imunológico (CACIOPPO; GLASER 1996 p.5).

O relacionamento familiar e a forma como as famílias se (des)estruturam após o diagnóstico de uma criança com uma condição neurológica grave estão presentes em cada microdocumentário. Existe um estigma social carregado de culpa atribuída culturalmente à mãe que pode ser vivenciada como um golpe ao cotidiano, desencadeando ansiedade em relação ao futuro, principalmente sobre



a possibilidade de a família se reorganizar como monoparental. Verza et al. (2015) associa as noções de cuidados a maternagem no entendimento da sociedade diante de questões sobre monoparentalidade:

No caso de famílias monoparentais femininas, a expectativa de que as mães se responsabilizem sozinhas pela criação de seus filhos acaba se naturalizando frente à pressão da sociedade e das próprias famílias, que muitas vezes se desenvolvem com crenças de que cuidado e maternagem são sinônimos. (VERZA; SATTLER; STRAY, 2015, p. 48).

As histórias destas mães costumam ser silenciadas pela mídia convencional. Assim, a série de microdocumentários elucida em que medida o direito delas é ferido, tendo as técnicas jornalísticas como condições propiciadoras para este intento. Nesse quesito, lembramos o questionamento de Nelson Traquina (2004, p.145) a respeito da dualidade presente no jornalismo: "Afim, qual é o papel do jornalismo na sociedade – um campo aberto que todos os agentes sociais podem mobilizar para as suas estratégias comunicacionais ou um campo fechado a serviço do status quo?".

O jornalismo pode, se a serviço de diversos agentes sociais, propiciar visibilidade para os mais variados temas. A epidemia do vírus zika entre 2015 e 2016 proporcionou uma elevação na cobertura em relação a patologias neurológicas, no caso em questão, microcefalia. Ao tratar das causas e consequências do vírus zika, é possível notar como a mídia tem por característica particularizar uma perspectiva. Segundo Pompéo (2012), a mídia atua na construção da democracia, cidadania e justiça no mundo globalizado e o efeito por ela irradiado seja em aspectos culturais, sociais, econômicos ou geográficos é evidente. No entanto, ela é revestida de um caráter de reprodução de estereótipos.

A escolha pelo formato audiovisual ocorreu tendo como um de seus objetivos propiciar esta visibilidade, além disso seus diversos recursos, a exemplo o de câmera viva, possibilitam uma melhor compreensão do cotidiano destas mães pelo público. O vídeo documentário possibilitou uma mobilização social que media “[...] o processo de apropriação do conhecimento” (FONSECA, 1998), criando uma convergência que resulta em um resgate de experiências e entendimento coletivo.

### 3 OS RESULTADOS EM DEBATE

Cada episódio da série de microdocumentários MÃE QUE LUTA, orienta-se por temáticas pré-estabelecidas como: perfil da mãe ativista; mãe avó; apoio em centros educativos de reabilitação, socialização e luto. Verifica-se também a interação desta mãe com as políticas públicas e como estas são inseridas em seus cotidianos desde o momento do diagnóstico, tendo como exemplos: uso da maconha como cannabidiol (CBD) para tratamento de crises epiléticas graves, inclusão na escola, acessibilidade, liberação de cilindro de oxigênio pela promotora da criança e do adolescente e institucionalização de crianças com deficiência física em escolas especiais.

O trabalho propiciou em seu enredo a abordagem teórica sobre a monoparentalidade feminina associada ao diagnóstico de uma patologia neurológica grave. Estas questões aparecem no vídeo de forma sutil, principalmente nas histórias das entrevistadas Maria Aline e Rita. Ademais, a pesquisa teórica a respeito da temática foi necessária para a abordagem jornalística durante as gravações.

O diagnóstico de patologias neurológicas graves atua diretamente no contexto familiar. Santana (2009) expõe as mudanças no cerne familiar do século 21 e acredita que inúmeros fatores redefinem a estrutura familiar.

A Constituição Federal de 1988 reconhece como família a composição de um dos pais ou algum de seus descendentes. Nas reuniões da Associação de Mães de Menores Especiais (AMME), em 2016, percebeu-se que após o diagnóstico de uma patologia neurológica grave ou neurocognitiva a figura paterna em alguns casos tende a se afastar e as famílias tornam-se monoparentais femininas.

Santana (2009) levanta as imposições e expectativas que a sociedade impõe as mães em um contexto mais geral. “O que a sociedade espera da mulher? Que esta a se ver sozinha assuma a responsabilidade de toda a família em todos os sentidos? Espera-se que ela assuma todos os papéis e que de conta dessa tarefa sozinha?”

De acordo com dados do IBGE (2008), o índice de domicílios no Brasil em 2007, que tinha em seu perfil a família monoparental feminina, representava 17,4% em todo o território nacional, ficando atrás apenas das famílias compostas por casal com filhos 48,9%. Dados mais recentes do IPEA (2010), apontam o percentual de 17,34% em 2009 de

famílias em condições de monoparentalidade feminina. (SANTANA, 2009).

Santana (2009) associa diversos fatores a essa definição familiar:

Na sociedade contemporânea, diversos fatores contribuem para o surgimento do modelo de família monoparental, desde a inseminação artificial a produção independente, adoção, viuvez ou o divórcio, pois a mesma compreende uma pessoa adulta, homem ou mulher responsável por uma ou várias crianças. Aliadas a essas mudanças a dissolução do casamento, separações, divórcios, novas famílias, a mulher assumindo sozinha a chefia da família. Assim, as relações primárias na família concorrem para a interação de seus membros, novas integrações, novos papéis, com efeito, a família no contexto da contemporaneidade alia a família nuclear, as famílias monoparentais. (SANTANA, 2009).

O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que é direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral. Mas verifica-se, convivendo com as entrevistadas selecionadas para os microdocumentários, uma grande quantidade de abandonos afetivos parentais (em maior parte abandono paternal, mas não exclui-se o abandono total da criança), e até mesmo casos onde a mãe recorre à justiça alegando dano moral.

Essa reparação pela perspectiva do direito é dada tendo em vista um dano moral, pois afeta o desenvolvimento da personalidade do ser humano, representando ofensa a sua dignidade.

Sendo assim, sob os olhos da sociedade patriarcal cabe muito mais a mãe cuidar, zelar e efetivar mudanças no seu cotidiano para atender as necessidades do filho, isso é, segundo autores, algo enraizado na sociedade. Tourinho (2005) observa a maternidade no século XX como uma construção social da mulher e seus requisitos para ser uma boa mãe:

Uma boa mãe, imprescindível à saúde da criança, foi descrita como uma mulher tornada realmente feminina. Alguém que foi capaz de superar o Complexo de Édipo em sua versão feminina, o que corresponde ao abandono do desejo de possuir um falo, substituído pelo desejo de um filho. No contexto histórico do século XX, mais especificamente das duas grandes guerras observou-se que o recrutamento dos homens para os campos de batalha e determinou a ocupação, por mulheres, de funções anteriormente masculinas. Esse foi um caminho sem volta, uma vez que à necessidade inicial de assegurar o sustento da família somou-se e seguiu-se um desejo de satisfação pessoal. No entanto, a mulher-mãe continuou vivenciando o mito da mãe eternamente abnegada, aquela que é responsável pela felicidade de todos, passando a sofrer conflito e ambiguidade por não conseguir dedicar-se plenamente a sua função de trabalhadora, nem ser uma mãe exemplar. (TOURINHO, 2005.p.20).

MÃE QUE LUTA - leva este nome tendo em vista as dificuldades impostas pelas burocracias que envolvem políticas públicas e sociais na vida destas mães. Estas dificuldades também atuaram como antagonistas na atividade jornalística. O papel da mulher como chefe de família na contemporaneidade ocorre então segundo Scarpellini (2011) em um momento de reconstrução da vida de mulheres que conduzem a chefia da dinâmica familiar. “Essas mulheres precisam conciliar a vida privada (os cuidados com a casa e educação dos filhos) e a vida pública (o trabalho), além de encontrar um espaço para dedicarem-se ao “ser mulher”. (SCARPELLINI, 2011, s/p). E isso ficou evidente durante a cobertura jornalística.

O microdocumentário que protagoniza Maria Aline aborda o uso do cannabidiol (CBD) no tratamento de seu filho. Maria Aline adquire o extrato de CBD de maneira ilegal, junto a uma associação no nordeste que cultiva e prepara o extrato o enviando para todo o Brasil. Muito foi debatido em relação à exposição destas imagens. Maria Aline seria prejudicada? O jornalismo propicia maior visibilidade, ou uma visibilidade positiva, nestes casos?

As gravações do episódio de Maria Aline duraram quatro dias. Acompanhamos a marcha pela legalização da maconha em Ponta Grossa (uma cidade tradicional), também convivemos durante duas tardes com Maria Aline em sua casa e assistimos a uma palestra de Maria Aline sobre o uso do CBD em crianças com síndromes epiléticas graves. Quando a informei sobre estas inseguranças ela foi enfática nos autorizando a mostrar seu ativismo.

Esse fator também foi percebido durante o perfil de Adelaila Caroline, o episódio mais denso em quantidade de imagens e no teor de noticiabilidade. O roteiro se estrutura a partir da necessidade da família da troca do cilindro de oxigênio utilizado por Vinícius, que não era portátil. Durante as gravações, o cilindro quebra e, no instante de maior angústia da família, a equipe de gravação segue para a urgência do Hospital Santa Casa de Misericórdia. A decisão em gravar esse momento foi muito rápida. Tudo foi gravado e quando perguntei para Carol (como prefere ser chamada) sobre a publicação das imagens sua resposta foi como a de Maria Aline, “precisamos mostrar estas imagens”. Além de demonstrar no dia a dia as consultas e o empecilho do cilindro, foi tomado imagens de Carol no momento em que ela se dirige até a

promotoria da cidade de Castro para questionar o porquê de Vinicius ter saído da fila pelo cilindro portátil.

Em outro episódio da série, são realizados os perfis de Rita e Larissa. Rita é avó de Larissa, no entanto a cria como mãe desde recém-nascida. O episódio mostra a dinâmica familiar e também a vida escolar de Larissa, e a luta de Rita sobre o que ela considera “a real inclusão”. O roteiro consistiu em seguir um dia escolar de Larissa (nas férias, onde então ela somente frequentava o contra turno na Associação de Proteção à Menina - APAM) e o intercalamos com falas na casa e cenas do cotidiano. As gravações são provenientes de quatro encontros com a família.

Os dois últimos episódios fogem da concepção inicial dos microdocumentários. Inicialmente as políticas públicas que circundavam estes episódios seriam: a procura pelo melhor centro de reabilitação e apoio pelo Brasil e Vírus Zika. Tatiana, a mãe que seria perfilada quanto à peregrinação em busca do melhor centro de reabilitação e apoio desistiu da participação e a turma que existia na APACD com crianças afetadas pelo Vírus Zika já não existia mais. Como inicialmente foram selecionadas 12 fontes tínhamos opções, assim convidamos Luciane e Célia para os microdocumentários seguintes.

Luciane é mãe de Guilherme diagnosticado com paralisia cerebral. Seu microdocumentario trata sobre acessibilidade e as mudanças que a mãe vivenciou após seu nascimento. Em um relato sincero, a mãe fala sobre depressão, medicamentos, vida conjugal e trabalho. Filmei inicialmente seu relato na APACD, um depoimento de três horas. No dia seguinte, acompanhei ela e seus dois filhos em um passeio no parque infantil do Parque Ambiental de Ponta Grossa. O episódio começa com a visita no parque e intercala imagens da mãe trabalhando na APACD e de seu depoimento.

O último episódio possui uma história bastante particular. Célia já estava na lista de possíveis fontes desde o início do ano, no entanto em julho sua filha Isabella faleceu. Mesmo assim, Célia aceitou participar dos microdocumentários. Seu episódio utiliza menos câmera viva que os demais. Ele consiste em um relato do relacionamento de Isabella e da família com a instituição em que ela estudou e sobre o processo de luto da mãe. Opta-se por guiar o público para dentro da história utilizando fotos da vida da família e também seguindo a mãe pelos corredores da APACD.

Como se optou pelo uso da câmera viva, as imagens cotidianas das mães se multiplicavam com o passar das gravações, pequenos atos cotidianos se transformavam em centenas de gravações. A seleção de imagens inseridas nos microdocumentários atua contra a deficiência moral que Sontag tanto critica. É necessário, segundo a autora, deixar com que imagens atrozem nos persigam (SONTAG, 2009.p 95) “[...] abarcar a maior parte da realidade a que se referem, elas ainda exercem uma função essencial”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A preocupação do Trabalho de Conclusão de Curso - MÃE QUE LUTA, foi a produção de uma série de microdocumentários jornalísticos que perfila mães de crianças com patologias neurológicas graves. Seu resultado consiste em uma pesquisa que iniciou em 2016 e possibilitou estudar e compartilhar um pouco do cotidiano destas mulheres.

Diante de uma perspectiva pedagógica, a ferramenta que conecta o fazer jornalístico como campo social é a imersão do jornalista no processo de produção. Com esta imersão, possibilita-se uma ampla gama de narrativas. Juntou-se as noções de transmídia, perfil, entrevistas e levantamentos documentais e bibliográficos possibilitando uma ponte com a vida destas mães.

O processo de entrevistas, como principal técnica jornalística deste trabalho, media as interações e a inserção no cotidiano destas mães possibilitando o resultado final de narrativa. Contextualizando, o processo de entrevistas é definido por algumas técnicas específicas que vão desde a identificação da fonte até o cuidado para que não ocorra uma unilateralidade de informação. Utiliza-se entrevista jornalística, que promove uma maleabilidade da pauta, possibilitando desdobramentos através das respostas do entrevistado.

O TCC, bem como o presente texto, contribui para o jornalismo abordando a temática microdocumentários, uma vez que são poucas as produções e pesquisas existentes sobre o formato.

Para relacionar o jornalismo com questões de saúde, foi necessária uma compreensão integrada das ciências. As narrativas convergem ao expor a temática da saúde associada às políticas públicas, mas primordialmente

apoiadas em teorias do jornalismo como as de representatividade, em contraponto às concepções de mass media que reforçam o status quo.

Com base no conhecimento adquirido a partir da grade curricular proposta em 2008 pelo Curso de Jornalismo da Universidade de Ponta Grossa (UEPG), entende-se a formação de um profissional multimídia, inserido no fazer jornalístico diante do contexto das novas tecnologias e mídias digitais, que repensa o fazer jornalístico no momento de convergência tanto tecnológica quanto social. Resume-se então que a utilização de recursos audiovisuais inseridos em plataformas online propiciam emissão de discursos a grupos específicos.

Walter Lippmann (2009) entende que a produção jornalística opera sob a forma de estereótipos, e que [...] "a notícia não é um espelho das condições sociais, mas um relato de um aspecto que se impôs". Assim, a partir dos levantamentos apontados, concluímos que é possível expor como a mídia nacional e internacional constroem modelos de interpretação sobre as patologias neurológicas graves apresentadas no MÃE QUE LUTA.

Além das questões técnicas que envolvem a prática audiovisual a imersão nas questões sociais proporcionadas por este trabalho revela a força da prática jornalística e do jornalista, como profissional e ser humano. As questões que certamente permanecem em trabalhos como este são a ética profissional e a sutileza no tratamento de pautas com tanta densidade social.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).> Acessado em: 15/03/2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm).> Acessado em: 15/03/2017.

**BRASIL Zica Outbreak: What is happening to Brazil's babies?** Produção: BBC News. Vídeo 04, 2016, 1:24 min. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=IoEPAOsCUzg&list=PLhuv45hv\\_n8hx2711ivn26AVWg5Eqc4Zo&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=IoEPAOsCUzg&list=PLhuv45hv_n8hx2711ivn26AVWg5Eqc4Zo&index=4).> Acessado em: 03/03/2017.

**BABILONIA** 2000, Direção: Eduardo Coutinho, 1999, 80 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rvBKL6Pz784>.> Acessado em: 16/09/2017.

CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Disponível em: <<http://marcoareliosc.com.br/cineantropo/roteiro1.pdf>> Acessado em: 12/04/2017.

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127>> Acessado em: 20/05/2017.

**EDIFÍCIO Master**, Direção: Eduardo Coutinho, 2002, 110 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BgmfO4CasYw>>. Acessado em: 16/09/2017.

**JOGO de Cena.** Direção: Eduardo Coutinho, 2013, 105 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RUasyqVhOuw>>. Acessado em: 05/09/2017.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana industrial.** 5ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, C. A. de **Família ontem hoje amanhã.** CBCISS Debates Sociais: Número especial, Rio de Janeiro: Reedição outubro de 1997.

LIPPMANN, W. **Opinião pública.** RJ: Vozes, 2008. Disponível em: <<http://www.pet.eco.ufrj.br/images/PDF/lippmann.pdf>> Acessado em: 12/04/2017.

RENÓ, Denis. **Interfaces e linguagens para o documentário transmídia.** <<http://revistas.usal.es/index.php/2172-9077/article/viewFile/12093/12452>> Acessado em: 11/04/2017.

\_\_\_\_\_. Denis. **O documentário transmídia: como produzir.** Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/26007>> Acessado em: 12/04/2017.

FONSECA, **Journal of Communication** – Monográfico 2 (2013), pp. 204-225. Disponível em: <<http://revistas.usal.es/index.php/2172-9077/article/viewFile/12093/12452>> Acessado em: 11/04/2017.

SANTANA, Edith Licia Ferreira Felisberto. **FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA: FENÔMENO DA CONTEMPORANEIDADE?** Rio de Janeiro: Uerj, 2009. 86 p. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10618/8518>>. Acesso em: 26 out. 2017.

SILVA, A. T. P. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico.** Estudos em Jornalismo e Mídia, Volume 7, Nº 2, Julho a Dezembro de 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>> Acessado em: 08/08/2017.

\_\_\_\_\_. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro.** Revista eletrônica temática. Ano V, n. 10 – outubro/2009. Disponível em: <[http://www.insite.pro.br/2009/outubro/perfil\\_jornalismo\\_amanda.pdf](http://www.insite.pro.br/2009/outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf)> Acessado em: 20/05/2017.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_, Susan. Sobre fotografia. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/famecos/professores/sempe/Susan\\_Sontag.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/professores/sempe/Susan_Sontag.pdf)> Acessado em: 12/04/2017.



TRAQUINA, Nelson. **A redescoberta do poder do jornalismo: análise da evolução da pesquisa sobre o conceito de agendamento (agenda setting).** IN: **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

VERZA, F; SATTLER, M. K; STREY, M. N. **Mãe, mulher e chefe de família: perspectivas de gênero na terapia familiar.** Pensando fam. vol.19 no.1 Porto Alegre jun. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100005).> Acessado em: 18/05/2017.